



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

CAMILA DOS SANTOS FERREIRA

**A ESTRUTURA HUMANA NA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN:
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA DESDE A INTERIORIDADE**

**CAMPINA GRANDE
2023**

CAMILA DOS SANTOS FERREIRA

**A ESTRUTURA HUMANA NA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN:
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA DESDE A INTERIORIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Esp. Thiago da Silva Fernandes

CAMPINA GRANDE

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383e Ferreira, Camila dos Santos.

A estrutura humana na fenomenologia de Edith Stein [manuscrito] : contribuições para uma psicologia desde a interioridade / Camila dos Santos Ferreira. - 2023.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Prof. Esp. Thiago da Silva Fernandes, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS. "

1. Fenomenologia. 2. Antropologia fenomenológica. 3. Psicologia. I. Título

21. ed. CDD 142.7

CAMILA DOS SANTOS FERREIRA

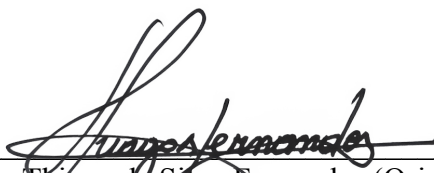
**A ESTRUTURA HUMANA NA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN:
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA DESDE A INTERIORIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

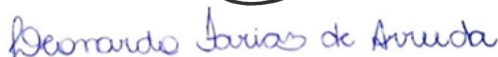
Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: 30 / 06 / 2023.

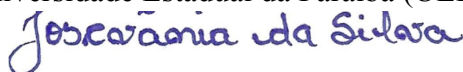
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Thiago da Silva Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Leonardo de Farias Arruda
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Josevânia da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICO estas humildes páginas “*À Palavra de Amor que me encanta, seduzindo-me para sempre, inteiramente. Deus, Eterna Canção de Beleza e Harmonia sem fim. Tu, mais Íntimo de mim do que eu mesma, Infinito no finito em que me perco, dois abismos que se abraçam e se enlaçam, num laço de amor eterno*”. (Nicodemos Costa)

DEDICO a uma mulher que soube ser a alma de uma busca e, que foi fiel a busca pela Verdade, ao ponto de a esta mesma Verdade se unir eternamente: Santa Edith Stein, em sua honra e em sinal de minha veneração, por quem parte do meu coração transborda da reverência a que se pode aceder uma simples aprendiz.

DEDICO à memória de Welton, amado irmão, que é “*vida potenciada ao máximo, ato o mais pleno possível de energia que seja ao mesmo tempo paz profunda e perfeito relaxamento, tal é a bem-aventurança eterna*” que no Ser Eterno ele experimenta. (Edith Stein)

DEDICO a Aparecida e Welson, amados mãe e pai, carne e sangue pelos quais aprouve a Deus trazer-me ao ser.

DEDICO a Milena, irmã e afilhada do meu coração, cuja inclinação é, desde sempre, ao chamado à vida plena e ao alcance da realização de seu ser.

DEDICO a Jani, meu lar e o amor da minha vida. A mulher com quem meu ser fez comunidade, num só movimento empático, e se atou, no propósito duradouro de alcançar, um dia, o nosso centro interior. Ao seu lado quero sempre descobrir e realizar minha missão humana.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 | QUEM FOI EDITH STEIN | 7 |
| 2.1 | Dados biográficos | 7 |
| 2.2 | O que é Fenomenologia | 9 |
| 2.3 | A fenomenologia steiniana | 11 |
| 2.4 | O tomismo fenomenológico de Edith Stein | 13 |
| 3 | A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN | 13 |
| 3.1 | Corpo | 13 |
| 3.2 | Alma (psique) | 14 |
| 3.3 | Espírito | 16 |
| 3.4 | O ser social do ser humano | 17 |
| 4 | PROPOSTAS PARA UMA PSICOLOGIA DESDE A INTERIORIDADE | 18 |
| 4.1 | O que é interioridade | 18 |
| 4.2 | A responsabilidade do ser humano na conquista da interioridade | 19 |
| 4.3 | A Clínica Psicológica pensada a partir de Edith Stein | 20 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 21 |
| | REFERÊNCIAS | 22 |

A ESTRUTURA HUMANA NA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA DESDE A INTERIORIDADE

Camila dos Santos Ferreira¹

RESUMO

A compreensão da estrutura humana na fenomenologia de Edith Stein denota a relevância do seu pensamento no que diz respeito à indagação antropológica da essência do ser humano, oferecendo a psicologia a contribuição de um fundamento filosófico outro, com vias de possibilidades de reposicionamentos perante a clínica psicológica. Assim, esta pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica de algumas obras e artigos que tratam da fenomenologia e antropologia steiniana, bem como dos caminhos para uma atuação psicológica que considera a pessoa completa. Por isso, este artigo tem como objetivo discutir a estrutura humana proposta pela antropologia fenomenológica de Edith Stein, como caminho para uma clínica psicológica construída sob a esteira da interioridade e da empatia, a partir de um olhar integral da pessoa humana. Inicia-se com uma breve exposição a respeito de quem foi Stein, mulher judia, nascida em Breslau, que já em sua adolescência estabelece seu Norte: a busca pela Verdade. Vivendo entre duas guerras, pode perceber o aviltamento do nazismo ao ser humano. De sua vida nasce sua obra, e ambas têm muito a ensinar. Segue-se uma breve explanação da fenomenologia com a qual teve contato, por meio dos escritos de Edmund Husserl, em especial *As Investigações Lógicas*, que apresenta uma base rigorosa e realista para a Filosofia, o método fenomenológico. Tal método passa a ser a bússola de Edith. Por fim, buscou-se mostrar como Stein chegou a uma concepção autônoma da fenomenologia, reconciliando a filosofia moderna com a filosofia aristotélico-tomista, a partir do diálogo entre Husserl e Tomás de Aquino. A pesquisa trouxe apontamentos para uma psicologia voltada a pressupostos filosóficos, cuja antropologia contemple a estrutura da pessoa humana em sua totalidade (corpo, psique e espírito, além do ser social do homem), reposicionando o psicólogo perante a Clínica Psicológica, através da empatia, preconizada por Edith Stein.

Palavras-chave: Fenomenologia; antropologia fenomenológica; Psicologia.

ABSTRACT

The understanding of the human structure in Edith Stein's phenomenology denotes the relevance of her thinking regarding the anthropological inquiry into the essence of the human being, offering psychology the contribution of a different philosophical foundation, with the possibility of repositioning the psychological clinic. Thus, this research consisted of a bibliographic review of some works and articles that deal with Steinian phenomenology and anthropology, as well as the paths for a psychological intervention that considers the person as a whole. For this reason, this article aims to discuss the human structure proposed by Edith Stein's phenomenology, as a path to a psychological clinic built on the mat of interiority and empathy, from an integral perspective of the human person. Beginning with a brief exposition

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: camilapsicouepb@gmail.com

about who Stein was, a Jewish woman, born in Breslau, who already in her adolescence established her North: the search for the Truth. Living between two wars, she could see the degradation Nazism inflicted to human beings. From her life her work is born, and both have much to teach. Followed by a brief explanation of the phenomenology with which she had contact, through the writings of Edmund Husserl, in particular *The Logical Investigations*, which presents a rigorous and realistic basis for Philosophy, the phenomenological method. Such a method became Edith's compass. Lastly, it is shown how Stein arrived at an autonomous concept of phenomenology, reconciling modern philosophy with Aristotelian-Thomist philosophy, based on the dialogue between Husserl and Thomas Aquinas. This research brought contributions for a psychology focused on philosophical assumptions, whose anthropology contemplates the structure of the human person in its entirety (body, psyche and spirit, in addition to the social being of man), repositioning the psychologist before the Psychological Clinic, through empathy, as advocated by Edith Stein.

Keywords: Phenomenology; phenomenological anthropology; Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942) foi uma filósofa alemã, de origem judia, que na adolescência deixa os costumes religiosos da família e se torna atea. Em 1911, já na Universidade de Breslau, lugar onde nasceu, busca nos estudos de Psicologia e Propedêutica Filosófica, respostas às questões existenciais, mas se sente frustrada e insatisfeita por achar aqueles estudos insuficientes. Um ano depois, neste mesmo contexto acadêmico, ela recebe de um amigo os escritos *Investigações Lógicas* (1900) de Edmund Husserl (1859-1938). Assim, entra em contato com a fenomenologia e decide ir a Gotinga, onde Husserl passa a ser seu orientador na tese de doutorado sobre a empatia. Edith se torna assistente dele, mas não permanece por muito tempo, pois, conforme mostrará toda sua trajetória, seu maior anseio sempre foi encontrar a verdade sobre a realidade que, como vemos em sua vasta obra, ela acredita ter alcançado em muitos aspectos nas suas investigações através do método da fenomenologia. Se tornou freira católica, mas por ser judia foi morta numa câmara de gás em Auschwitz.

O método filosófico escolhido por Stein para avançar em um conhecimento de base rigorosa foi o fenomenológico, de Edmund Husserl. A Fenomenologia é uma escola filosófica que busca uma compreensão acerca dos fenômenos, ou seja, *daquilo que se mostra ou se manifesta* à consciência humana (BELLO, 2006). Importante para a fenomenologia é a *intuição*, ato pelo qual chegamos imediatamente ao sentido, sem que seja necessário realizar raciocínios complexos. Para aplicar o método é necessário um abandono de preconceitos advindos de teorias, leituras, estudos. É preciso empreender uma *epoché*, que é uma atitude de suspensão do mundo. A *epoché* é o que possibilita a *redução eidética*, significando voltar às coisas e aos eventos que se apresentam, visando as suas essências, ou seja, retornar àquilo que torna o que é. Na *redução transcendental*, pergunta-se por que o ser humano procura sentido e quem é este ser humano que faz isso, iniciando uma análise do sujeito (MARTINI, 1999).

Não obstante, Edith Stein não é uma pensadora tendenciosa. Isso é muito importante, porque a honestidade intelectual a qual era fiel, foi o que a tornou uma filósofa tão cuidadosa ao tratar das questões humanas. Ela deu seu toque especial à fenomenologia, apesar de deixar transparecer a presença de Husserl em suas obras. Edith era de espírito livre e desenvolveu uma concepção autônoma e autêntica da fenomenologia. Um dos pontos mais altos de sua obra é a reconciliação que faz com a escolástica, mais precisamente entre Husserl e Tomás de Aquino. É a partir dessa reconciliação que ela tece uma antropologia, nos legando um grande

tesouro: um ser humano inteiro, cuja estrutura engloba corpo, alma e espírito, além do fato de que é também portador de um ser social.

Etimologicamente, a palavra psicologia vem do grego *psique*, que quer dizer *alma*, e *logia* que deriva de *logos* e quer dizer *estudo*. Conforme é do conhecimento da vasta maioria dos psicólogos, psicologia significa o “Estudo da alma”. Porém, não está claro mais, nos nossos dias, que coisa é a psicologia no sentido do termo. Pois, por ser predominantemente positivista, a psicologia se contrapõe ao próprio sentido etimológico. De maneira que, temos uma psicologia sem seu objeto, sem alma. Diante disso, nos colocamos frente a questão: como se caracteriza a estrutura humana proposta pela antropologia fenomenológica de Edith Stein, enquanto caminho para uma clínica psicológica construída sob a esteira da interioridade e da empatia, a partir de um olhar integral da pessoa humana, incluindo a categoria da alma?

Em resposta, fez-se uma revisão bibliográfica, de natureza básica, cuja abordagem é qualitativa, com intenção exploratória. Utilizou-se literatura heterogênea, contando com artigos do banco de dados da Scielo, Google Acadêmico e livros pertinentes ao tema abordado. O trabalho consiste na composição de um epítome cujo objetivo é discutir a estrutura humana proposta pela antropologia fenomenológica de Edith Stein, como caminho para uma clínica psicológica construída sob a esteira da interioridade e da empatia, a partir de um olhar para a pessoa humana que inclui a alma. Para alcançar este intento, o artigo foi organizado em quatro partes: (1) apresenta Edith Stein, (2) explica alguns conceitos básicos da fenomenologia, (3) posiciona a pessoa humana em uma estrutura que contempla os aspectos físicos, psíquicos, espirituais e sociais e, (4) propõe tal estrutura fenomenológica steiniana como base antropológica e filosófica para pensar a psicologia e a atuação na clínica.

2 QUEM FOI EDITH STEIN

2.1 Dados biográficos

Edith Stein nasceu em Breslau, na Alemanha. Órfã de pai aos dois anos, foi criada pela senhora Augusta, mãe de valentia admirável. Edith é a décima primeira filha, quatro irmãos falecidos, caçula, de família judia. Até sua adolescência, buscou no judaísmo respostas às suas inquietações, mas por julgar não encontrar tais respostas, abandonou as práticas religiosas que eram comuns ao seu povo, admitindo-se atea na chegada à juventude e empreendendo uma busca incansável pela verdade. Tal projeto de vida aglutinou-a ao Círculo de Gotinga, que era um grupo formado por alunos e pensadores da fenomenologia de Edmund Husserl. Edith tornou-se orientanda dele em sua tese de doutorado sobre o tema da Empatia e, posteriormente, trabalhou como sua assistente (MIRIBEL, 2001).

Com o início da Primeira Guerra Mundial, Stein voluntariou-se como enfermeira da Cruz Vermelha, o que fez com que ela tivesse que interromper temporariamente a escrita de seu doutorado, fato que salienta o grau de distinta coerência encontrado entre sua vida e sua produção filosófica. Ela foi profundamente influenciada pelo paradigma fenomenológico de seu mestre e utilizou isso em suas investigações. Segundo Goto e Moraes (2016), o motivo da utilização de tal método, foi o rigor e a abrangência com os quais ela poderia investigar os fenômenos, ou seja, a forma como uma coisa manifesta-se ao sujeito, a essência ou sentido daquilo que aparece na consciência. Desse modo, ela acreditava obter através desse método, algum auxílio no seu exame da verdade.

Mulher, judia, filósofa, professora, tradutora, escritora e religiosa, Edith era uma pessoa marcada por experiências contundentes, que nunca permitiram que ela fosse uma aluna passiva ou subserviente à Husserl. Embora nunca tenha abandonado certos conceitos do seu orientador, em sua obra é possível perceber um tom, uma voz que, a partir de grande erudição,

estava carregada da própria concepção de fenomenologia, devida a um conhecimento generosamente acrescido ao tema.

Destinada a uma trajetória intelectualmente brilhante, tornou-se uma célebre conferencista, escreveu incansavelmente, nos legando uma vasta obra dedicada às questões relativas ao ser humano, como este poderia sondar-se e chegar a uma compreensão profunda de si mesmo, encontrando a consistência de seu ser. Na altura da vida em que Edith já era doutora em Filosofia, ou seja, uma mulher madura acadêmica e intelectualmente, ela não tinha a verdade como uma coisa relativa, pois criticava o relativismo perene em sua época.

No entanto, buscava o incontestável, motivo pelo qual seus olhos brilharam para o método fenomenológico, pelo rigor que este propunha. Um grande salto em sua biografia, acontece quando Edith, fazendo uma retomada da fé, através da busca pessoal pela verdade, da intensa determinação nas leituras, nas reflexões, converte-se ao catolicismo. A conversão dela foi um longo processo, que não aconteceu de maneira repentina e nem por emoção, foi uma via paulatina e intelectual, que aos seus 31 anos, culminou quando ela pegou por acaso, na biblioteca da casa de uma amiga, um livro intitulado ‘Vida de Santa Teresa’ contada por ela mesma e o leu por completo. Desde o começo sentiu-se como que cativada e quando terminou a leitura do livro, fechou-o e disse para si mesma que ali estava a verdade (MIRIBEL, 2001).

A conversão de Edith representava para sua família judaica, em especial para dona Augusta, já com 84 anos de idade, não um mero abandono dos costumes judaicos, como considera Dupuis:

É quase uma traição: Edith trai tudo o que tem sido a força e a coragem de sua mãe durante uma vida de provações, nomeadamente devido a indiferença das crianças que têm mais ou menos abandonado a religião da família. Abandonar ou negligenciar a religião, mas é muito pouco em comparação com a apostasia (DUPUIS, 2017. p. 29).

Assim, Edith aceitou ser incompreendida, uma vez que não poderia deixar de ser fiel ao objeto de sua busca. Seu sacrifício se deu não somente por aceitar a incompreensão, mas por jamais escrever a respeito, e por sempre procurar deixar no âmbito do inefável, dizendo em cartas que nada se deve falar e escrever sobre isso (NOVINSKY, 2014). O auge de sua conversão é o decidido abraço vocacional ao Carmelo², igualmente mal interpretado como fuga da realidade vivida pela Alemanha Nazista naquele momento. Já no convento, ela escreve sua obra considerada a mais importante: *Ser finito e ser eterno*, uma biografia espiritual de rara beleza, que aproxima a Fenomenologia e o Tomismo.

Edith é arrancada do claustro e levada a três campos de concentração. No último, Auschwitz, onde passou a ser apenas um número, 44074, em face da iminente morte, ela não se desesperou porque tinha uma grande clareza sobre qual era sua missão. Durante seus últimos dias, tudo que ela fez foi lavar, pentear, alimentar e cuidar das necessidades das outras pessoas. No dia nove do mês de agosto de 1942, foi assassinada em uma câmara de gás, aos 51 anos. Por suas virtudes heroicas e seu promulgado martírio, foi beatificada e, posteriormente, canonizada pelo Papa São João Paulo II (NOVINSKY, 2014).

² O monte Carmelo é uma cadeia de montanhas em Israel. A palavra Carmelo significa jardim. De acordo com a Tradição, o profeta Elias, estabelecendo-se numa gruta em pleno Monte Carmelo, levou uma vida eremita de oração e silêncio. Assim, tornou-se inspiração para os primeiros religiosos da Ordem. Mais tarde, uma Regra para a Ordem do Carmo foi sistematizada, proposta e aprovada em 1226. No século XVI, na Espanha, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz conduziram um processo de renovação do carisma da Ordem do Carmo. Desse processo histórico e místico surgiu o ramo dos Carmelitas Descalços, ao qual Edith Stein pertencia, sob o nome de Teresa Benedita da Cruz.

2.2 O que é Fenomenologia

A Fenomenologia é uma escola filosófica, criada por Edmund Husserl, que busca uma compreensão acerca dos fenômenos, ou seja, *daquilo que se mostra ou se manifesta* à consciência humana. À medida que as coisas se mostram ao ser humano, ele as percebe, volta-se para elas e busca o sentido. Tais coisas não são apenas físicas, mas também abstratas, como nos mostra Angela Ales Bello:

Todas as coisas que se mostram a nós, tratamos como fenômenos, que conseguimos compreender o sentido. Entretanto, o fato de se mostrarem não nos interessa tanto, mas, sim, compreender o que são, isto é, o seu sentido. O grande problema da filosofia é buscar o sentido das coisas, tanto de ordem física quanto de caráter cultural, religioso etc., que se mostram a nós (BELLO, 2006, p. 19).

Percebemos assim que, o que se mostra à consciência humana, não é de ordem estritamente física, como uma cadeira, ou uma mesa, mas pode referir-se a eventos, fatos, situações e, assim por diante. Porém, nem sempre é possível compreender de maneira imediata um fenômeno, fazendo-se necessário uma série de operações para identificar e intuir o seu sentido, ou seja, é preciso trilhar um caminho, seguir um método para se chegar à essência dos fenômenos. Este método é o fenomenológico, conforme detalhado pela doutora Gyrão:

O método fenomenológico procura o essencial, deixando de lado o que é acessório e acidental para alcançar a verdade vivida, brotada da análise e da reflexão rigorosa. Esse método tem em vista a capacidade do ser humano de refletir diante do que a ele é mostrado, como as coisas físicas e abstratas para que este compreenda o seu sentido. Tem-se de recorrer a um procedimento. Esta série de operações a serem realizadas consiste no método fenomenológico idealizado por Edmund Husserl (GYRÃO, 2015, p. 90).

Destaca-se uma palavra importante trazida por Gyrão e, que nos esclarece mais a respeito das características de um fenômeno: *acidental*. Esse é um termo aristotélico, amplamente usado na escolástica³, que designa o que pode estar presente ou desaparecer, mas que independente disso, não modifica a substância. Fato é que, se uma mulher dorme, permanece mulher quando não está dormindo. Se um tecido branco é tingido de azul, permanece tecido (DUROZOI; ROUSSEL, 1993). Tendo em rápida consideração a palavra *substância*, Comte-Sponville (2011) explica que, etimologicamente, significa aquilo *que está debaixo*, que permanece “debaixo” das aparências ou dos fenômenos, isto é, a essência, que é captada pelo ser humano através do sentido, podendo este ser simples e belamente intuído.

Importante para a fenomenologia, a *intuição* é um ato pelo qual chegamos imediatamente ao sentido, sem que seja necessário realizar raciocínios complexos. Se uma pessoa bater a mão em um tambor, identificamos que é um som, fazendo isso imediata e intuitivamente. É possível intuir não só quando se trata de coisas físicas, como já explicitado, mas o mesmo se dá em relação às coisas abstratas. Quando alguém diz que sente tristeza, sabemos do que se trata (BELLO, 2006).

Se, pois, o método fenomenológico exige um abandono do que é acidental, significa que aquele que empreende tal procedimento deve ter essa atitude de “abandonar” ou colocar entre parênteses os acidentes, sem atestá-los ou contestá-los, para poder chegar à compreensão dos fenômenos. Assim, Husserl usa o conceito de *epoché* como conceito-chave

³ Segundo Japiassú e Marcondes (2008) a Escolástica, origina-se nas escolas monásticas cristãs medievais, cujo método intenta conciliar Fé e Filosofia Clássica.

na fenomenologia, que se entrelaça ao pressuposto de que o homem possui uma ideia geral a respeito do mundo, uma compreensão presumida, que torna o mundo familiar e gera um comportamento natural (MARTINI, 1999).

No entanto, o entrelaçamento está no fato de que, o ato da *epoché* é motivado pela suspensão dessa confiança em uma ideia geral e natural acerca do mundo. É a abstenção do pensamento ante a constância do “espetáculo do mundo”. Ela é definida como uma “distância em relação às validações naturais ingênuas” (HUSSERL, 1989). A *epoché* é o ato preliminar da investigação filosófica, transformando o indivíduo em alguém insatisfeito e que, por isso, quer ir mais fundo.

Esse modo de proceder tem caráter cognitivo, uma vez que, para que exista a percepção, que é a captação dos estímulos exteriores, é preciso que se realizem operações simultâneas onde elementos são reunidos sem que a pessoa se dê conta do que está fazendo. Isso acontece quando se distingue a mesa da cadeira e ambas do chão, operação esta que é anterior a percepção e a cumprimos em um nível passivo, chamadas de sínteses passivas (GYRÃO, 2015).

Nesse sentido, o caminhar que se deve fazer para o método fenomenológico husserliano, envolve dois procedimentos: a redução eidética e a redução transcendental. Conforme Japiassú e Marcondes (2008), a redução, em sentido genérico, é um esforço para esclarecer uma realidade complexa na forma de uma mais simples, usada como modelo. Como procedimento central do método fenomenológico, a redução propõe um retorno às coisas mesmas, ou as realidades, para dizer como elas são, tomando uma pequena parcela dessas realidades, que as represente completamente. Além disso, temos que, a eidética, palavra grega *eidos*, aquilo que se capta ou intui, o sentido. De maneira que a *redução eidética*, significa voltar às coisas e aos eventos que se apresentam, visando as suas essências, ou seja, retornar àquilo que torna o que é.

Na *redução transcendental*, pergunta-se por que o ser humano procura sentido e quem é este ser humano que faz isso, iniciando uma análise do sujeito. Em suma, na redução transcendental, transcende-se para o campo da subjetividade pela evidenciação na ordem da consciência (GUIMARÃES, 2005).

Segundo Ales Bello (2006), para Husserl, a percepção é a porta para entrar no sujeito e compreender como o ser humano é feito. Para demonstrar isso, ela traz o exemplo de uma pessoa que segura uma caneta. Vejamos:

Outro experimento, desta vez com a mão. Toco a caneta, a mesa etc. Enquanto toco, há o ato de tocar, estou tocando, estou vivendo a experiência de tocar. Há uma coisa que é tocada. Enquanto existente, onde está? Fora. Mas enquanto coisa tocada onde está? Dentro. Enquanto tocada, ela se torna minha. Existe uma distinção entre coisa tocada e nós que a estamos tocando (BELLO, 2006, p. 28).

É aqui que entramos no campo do ser humano, da consciência que um ser humano pode ter das coisas. É possível, muitas vezes, olhar uma garrafa com água em cima da mesa de estudos, mas não a notar, passando despercebida, porque a atenção não estava voltada para ela e não se fazia reflexão nenhuma sobre ela. Mas ao sentir sede, a atenção se volta para a garrafa. Isso é possível porque já sabia-se ter visto ali a garrafa, tinha-se uma experiência perceptiva da garrafa que estava dentro, interna, uma vez que havia ciência da existência da garrafa que estava fora.

Ademais, o ser humano está em contato com o mundo pelas sensações, e as que mais o coloca em contato com o mundo e consigo mesmo são a visão e o tato, visto que ambas são registradas a partir da aptidão de dar-se conta. Tal “dar-se conta” é a consciência de algo. O homem é capaz de ter consciência de tais atos e das suas vivências, no momento em que está

vivendo. Quanto aos atos de ver e tocar é possível, uma vez registrados, fazer uma reflexão sobre a consciência de ter visto e tocado, como aqui está sendo feita. Esses atos perceptivos são nomeados de *primeiro grau da consciência* (BELLO, 2006).

Admiravelmente, existe no humano a capacidade de refletir sobre a ação de refletir a respeito dos atos perceptivos, pois a reflexão é uma vivência da qual se tem consciência. Assim, os atos reflexivos compõem o *segundo grau de consciência* (BELLO, 2006). Este nível é particularidade exclusivamente humana, pois os animais, pelos atos perceptivos, podem ter consciência de ver e tocar, mas não tecem considerações a respeito, porque pensar depende de “dar-se conta” do que se está fazendo.

Um gato nasceu para cavar na terra e fazer suas necessidades, mas se ele for colocado em uma superfície cimentada para ali fazer tais necessidades, cavará este chão antes, e depois cavará “enterrando”. O gato não é capaz de “dar-se conta” do que está fazendo. Não percebe que ali na superfície dura, não é possível cavar. O ser humano, por outro lado, não só percebe, como também registra o percebido, sabe que houve um ato perceptivo, reflete o que percebeu e reflete a reflexão.

Ainda é possível acrescentar a tudo isso mais um dado: voltando ao exemplo da garrafa com água. A sede pode ocasionar o impulso para pegar a garrafa e beber. Mas digamos que aquela garrafa com água não pertence a pessoa que sente sede. Tal pessoa pode decidir não beber a água ali contida, não pegar aquela garrafa. O ser humano pode escolher controlar seu corpo e sua psique. O ato de controle é registrado, mas não é de ordem psíquica ou corpórea, mas de uma ordem que os fenomenólogos chamam de *espiritual* (BELLO, 2006).

Logo, o legado de Husserl com o método fenomenológico é de grande contribuição para a humanidade. De acordo com seu entendimento, aquilo e aquele que é medido, é mais importante do que a medida, por isso, a complexidade do ser humano vai além do que é capaz uma análise quantitativa. Isso fica claro no termo fenômeno, pois o fenômeno é o que se mostra, e o que se mostra, aparece, mas também não aparece, ou seja, em toda a atuação da pessoa, há algo que vai além da aparência e que a dirige (TEIXEIRA, 2017).

Como coloca a própria Stein (2018a), é preciso voltar-se laboriosamente as obras fundamentais da Fenomenologia de Husserl e estudá-las, para uma acepção mais detalhada dos seus conceitos. No entanto, a pretensão deste tópico, é apenas trazer, em linhas gerais, alguns esclarecimentos, formando uma base contextual para demonstrar, a seguir, as características do método fenomenológico que foram assumidos por Edith Stein.

2.3 A fenomenologia steiniana

Ao ler *Investigações Lógicas*, de Edmund Husserl, aquele que posteriormente veio a se tornar seu mestre, Edith Stein se elevou em sua percepção de mundo e do significado da vida. Ela reconhece nessa obra um potencial teórico que contribuiria na sua busca por desbravar o desconhecido, como ela mesma confirma:

Todos os meus estudos em Psicologia me tinham convencido apenas que essa ciência ainda estava nos primeiros balbucios; faltava-lhe o fundamento indispensável de conceitos de base clarificados, e ela própria não estava em condições de forjar para si tais conceitos. Ao contrário, se me fascinava tanto o que até então eu havia aprendido de fenomenologia, era porque ela consistia especificamente nesse trabalho de clarificação e porque, nesse campo, se forjavam desde o início as ferramentas intelectuais de que se necessitava (STEIN, 2018b, p. 164).

Inegavelmente, Edith tinha consciência a respeito das suas escolhas intelectuais. O “coração” do método fenomenológico de Husserl que foi adotado pela doutora Stein, é por ela descrito do seguinte modo:

É um mérito histórico das *Investigações Lógicas* de Husserl, um mérito reconhecido mesmo por aqueles que não conseguiram familiarizar-se com o seu método, ter mostrado em toda pureza a ideia da verdade absoluta e a do conhecimento objetivo que lhe corresponde e ter denunciado profundamente todos os relativismos da filosofia moderna: o naturalismo, o psicologismo, o historicismo. O Espírito encontra a verdade, ele não a produz. E ela é eterna, se muda a natureza humana, se muda o organismo psíquico, se muda o espírito dos tempos, então podem bem mudar as opiniões dos homens, mas a verdade não muda (STEIN, 2018a, p. 217).

Vemos a importância que ela dava ao fato de que havia objetividade no conhecimento. De modo que Stein reconhece e assume a fenomenologia como um caminho de recondução ao sentido fundante. Ela diz:

Acabo de mencionar o princípio mais elementar do método fenomenológico: fixar a atenção nas coisas mesmas [...] aproximar-se das coisas, com um olhar livre de preconceitos e beber da intuição imediata. Se queremos saber quem é o homem, precisamos nos colocar de modo mais vívido possível na situação em que experimentamos a existência humana, ou seja, a experiência gerada em nós mesmos e em nossos encontros com outras pessoas (STEIN, 2003, p.590).

Como revelam suas palavras, Stein professa adesão a fenomenologia enquanto um método objetivo que busca as essências, os fundamentos primeiros do conhecimento, evidenciado como peculiaridade o seu caráter intuitivo. No seu texto *O que é a Fenomenologia?*, do ano 1924, ela também menciona a intuição, além de esclarecer algumas confusões, e abordar mais dois pontos imprescindíveis: a objetividade do conhecimento, já mencionado nesta análise e a questão do idealismo. Em termos gerais, Edith mantém como prática de suas investigações, uma fenomenologia que rompe com filosofias relativistas, e cujo caminho é abordar rigorosamente todas as questões filosóficas, estando em concordância com Husserl. Ela sabia que fazer filosofia seria uma tarefa impossível sem que houvesse um critério (MARTINS, 2013).

Na fenomenologia existe uma discussão polêmica entre idealismo e realismo, que até hoje divide o movimento fenomenológico. Em suma, se dá pela questão de que, frente a objetividade do conhecimento, que é de cunho realista e apresentada em *Investigações Lógicas*, havia também um suposto idealismo no posterior escrito de Husserl, *Ideias I*, que para alguns alunos era incompatível, gerando uma aparente ruptura entre as obras, conhecida como *giro idealista* (GOTO; MORAES, 2016).

A filósofa, no entanto, tem uma nova perspectiva sobre essa questão, primeiro porque percebia que a investigação fenomenológica independia de uma posição realista ou idealista. Embora tenha desenvolvido uma fenomenologia de cunho mais realista, segundo Goto e Moraes (2016) ela não descartou a questão do transcendental e teve sempre um posicionamento ativo perante a fenomenologia, buscando desenvolver suas noções próprias e singulares, complementando o projeto husserliano sem, contudo, descaracterizá-lo. É através dessa estrutura fenomenológica que Edith fará a leitura das teorias de Tomás de Aquino, chegando até mesmo a debater o conceito de individuação no grande Aquinate.

2.4 O tomismo fenomenológico de Edith Stein

Edith Stein é uma grande conciliadora, disso estão certos todos os que se debruçam sobre sua história. A peculiaridade dela está no diálogo feito entre a fenomenologia e a tradição escolástica, mais precisamente o pensamento de Tomás de Aquino. Traduziu para o alemão a obra “*Quaestiones disputatae de veritate*” e escreveu um ensaio intitulado: “A fenomenologia de Husserl e a filosofia de São Tomás de Aquino”, de 1929.

O ponto principal destacado por Edith, entre as obras de Husserl e São Tomás de Aquino é que ambos têm em comum a busca pela verdade das coisas, pelas coisas mesmas. Esta busca também não deixa de ser o ponto de interseção entre eles e a própria Stein, que se amparou na filosofia para progredir nesse caminho. Para ela, ainda que se evite, por qualquer motivo, a verdade, a sede por ela estaria inerentemente radicada no interior do ser humano. A verdade é apresentada como possibilidade de conhecimento somente no íntimo da alma. Além disso, a filósofa caracteriza a fenomenologia de Husserl como antropocêntrica, enquanto a de São Tomás, teocêntrica. Articulando os dois pensadores ela alcança uma superação intelectual em que o ser finito reconhecendo sua finitude, é conduzido ao encontro com o Ser Eterno, conforme coloca Teixeira (2017, p.30): “Ao tomar consciência de sua dignidade inalienável, a pessoa encontra sua essência na força divina”. Mesmo sendo dialogal com o Tomismo, ela jamais abandonou o rigor fenomenológico, nunca deixando a racionalidade e a consistência, como defende Zilles (2017).

3 A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN

Conforme já exposto no início deste escrito, o fio condutor das obras de Edith sempre foi a pessoa humana, naquilo que esta tem de universal, mas principalmente sua singularidade, que, segundo ela, deve ser captada pelo educador (e por que não pelo psicólogo?) para fins formativos e de desenvolvimento para a plenitude. Com olhar fenomenológico, a filósofa traça uma estrutura essencial do ser humano, baseada em uma antropologia filosófica, que atrela o caráter único e irrepitível da pessoa. Assim, para fins didáticos, postula uma divisão do homem em três dimensões, o que não significa que ela tenha uma compreensão de ser humano como um ser separado, partido. Entrelaçadas, tais dimensões caracterizam o ser humano em sua forma singular e na sua complexa interação com o mundo.

3.1 Corpo

Segundo Kusano (2014), partindo da investigação a respeito do corpo, Stein pergunta-se qual é a constituição dele no interior da consciência, apontando para uma dupla categoria, o corpo como *Körper* e como *Leib*.

Sendo demandante de alimentação, proteção, água e outros recursos para sobreviver, o corpo (*Körper*) compartilha com os animais e as plantas uma certa semelhança em seu funcionamento. É um corpo físico, tangível, material e concreto, delimitado no espaço e no tempo, podendo ser tocado, observado, manipulado, experimentado e, no entanto, é ser vivente (*Leib*), age e reage no mundo, transforma, se comunica, é alcançado por meio das sensações (OLIVEIRA; ANTÚNEZ, 2017).

A questão das sensações é importante, pois para Edith, elas são componentes reais da consciência, mas, diferente da consciência, que tem intencionalidade dirigida aos objetos, as sensações não tem intencionalidade, elas estão entre o eu e o corpo vivo (*Leib*), e pertencem

ao eu, por isso, assim como o eu, não podem ser colocadas entre parênteses na *epoché*. Elas têm “um pé” na consciência e outro no corpo vivo (KUSANO, 2014).

A discussão que Stein faz se estende pela questão de como se dá o processo de apreensão do corpo vivo, falando desse processo como um todo unificado em que a distância das partes do corpo para o “eu”, é diferente da distância do “eu” para os corpos exteriores. A título de exemplo, temos que o pescoço está mais próximo do sujeito, do que suas extremidades, mas se o sujeito segurar na mão uma caneta, sua mão estará mais próxima dele do que a caneta jamais poderia estar. Aparentemente um raciocínio bobo, mas que desvela uma questão profundíssima sobre a localização do eu e das sensações no corpo, no *leib*.

A conclusão à qual chega Stein é de que o eu não é localizado espacialmente, mas está no que ela chamou de *ponto zero* de orientação do corpo vivo, o eu é o *ponto zero* do corpo vivo em relação ao seu próprio espaço. Mas o *ponto zero* passa a ser o próprio corpo vivo, quando em relação ao espaço externo. Isso revela as duas formas como o corpo se apresenta à consciência, enquanto corpo vivo sensível e enquanto corpo físico captado exteriormente, mas que é experimentado como um só, conforme explica Kusano (2014).

Assim, o corpo é órgão de expressão. A corporeidade é para entrar em contato com a interioridade e com os outros. Somente pelo corpo é possível a percepção, por onde a jornada de todo conhecimento se inicia. O corpo não é, para Edith, o lugar do pecado, como pensa a religião, mas o lugar da experiência (PEZZELLA, 2003).

3.2 Alma (psique)

A Psicologia, na época de Stein, era uma ciência que tinha como principal papel estudar a psique, mas fazia isso através dos experimentos. Não apresentava uma postura epistemológica, que refletisse a respeito dos próprios métodos, de maneira que, já na época, a filósofa se empenha em esclarecer a psique, liberando-a de mal entendidos.

No livro *A estrutura da pessoa humana*, Edith usa o termo alemão *Gemüt* que significa *ânimo* e *Seele* que significa *alma da alma*. De modo que para ela, a alma possui uma espacialidade onde se consolidam propriedades como a intensidade de sentimentos, conduta e agudeza de sentidos. A psique e a consciência são duas coisas diferentes. A psique pertence a realidade do mundo, enquanto a consciência não, pois tomada em sua pureza, a consciência é oposta a tudo que existe. A alma tem uma unidade indestrutível, pois embora fechada em si é aberta ao mundo, ou seja, volta-se tanto para o interior quanto para o exterior, e por mais que cheguem diante de si uma multiplicidade de objetos, ela conserva o que está em seu interior (KUSANO, 2014).

Edith Stein identifica o interior da alma como o núcleo, o centro pessoal. Sberga diz o seguinte a respeito do núcleo:

Essa parte central da alma é o seu núcleo interno. É uma realidade ontológica que se refere ao ser da pessoa. Que permite afirmar que ali há uma identidade. Então o sujeito singular tem uma identidade que o distingue dos outros sujeitos. Segundo Stein, a identidade está no mais profundo da pessoa, na sua interioridade mais central, lá onde não pode ser confundida com ninguém, lá onde a pessoa é singular (SBERGA, 2014, p. 118).

Nesse ínterim, o centro pessoal não é confundível, e mais, não se desenvolve, mas é responsável por impor o desenvolvimento psíquico e espiritual do indivíduo, como a vida afetiva e o caráter. Ela diz: “Como você acolhe os valores e como você se comporta através deles, como você aproveita as coisas, como você faz a si mesmo feliz, como você sofre e como você tolera: tudo isso depende da qualidade da alma” (STEIN, 2000, p. 237).

Stein fala sobre a alma que “se encontra em casa”. Esse é o momento em que há o encontro com as “qualidades estáticas” pois não dependem de circunstâncias, são advindas do interior da alma, que se abre e entrevê qualidades como pureza, bondade, refinamento, transformando as situações externas em oportunidades de colocar em prática as qualidades psíquicas. Vejamos o modo como ela insere essa análise:

É um caminho de desenvolvimento no qual as habilidades são treinadas. Pré-requisitos desse treino são as potências que a pessoa dispõe, as circunstâncias externas sob as quais o que é vivo progride, e finalmente a predisposição original que mais ou menos estende-se no interior do processo de desenvolvimento (STEIN, 2000, p. 231).

É importante entender que, as qualidades psíquicas são diferentes das qualidades estáticas, pois as qualidades psíquicas manifestam desenvolvimento e podem se tornar hábitos, se corretamente estimuladas ao longo da vida psíquica, como no caso do aprimoramento de habilidades pessoais ou aguçar os sentidos. As qualidades estáticas, que provêm do ponto mais profundo da alma, não estão sujeitas à influência do sensível. O núcleo da alma é imutável e isso que varia, varia segundo exigências externas, que convidam o indivíduo a cometer uma boa ou má ação.

À essa altura (em 1930), Stein já usa uma terminologia tomista-aristotélica e adota uma postura fenomenológica mais realista. Colocando o eu puro da *epoché* um pouco de lado, se interessa mais pelo eu que vive e se pergunta sobre o sentido e a origem da sua própria existência (PEZZELLA, 2003). Assim, ela faz passagem sobre os diversos âmbitos do ser, percorrendo sobre a alma vegetal, animal e espiritual.

A diferença entre o material e o orgânico é que no orgânico existe uma “configuração” interna, que Edith descreve como *um princípio de vida* organizador que garante ao corpo crescimento, organização da matéria, junção das partes como um todo unificado e que faz o organismo apontar, pela reprodução, para a espécie. Stein acrescenta a esse fato, o detalhe de que o corpo depende da alma para existir, pois sem ela seria apenas um corpo morto, pois a alma é o centro de um ser psicofísico, é ligada a um corpo por ela animado e do qual obtém vigor (KUSANO, 2014).

Nesse sentido, o ser vegetal possui essa *alma vegetativa*, que segundo Edith, é unicamente *forma corporis*. Tome-se o exemplo de uma planta, cuja vida é se empenhar em realizar o que está prescrito na semente: organizar a matéria a ela disponível e se tornar sua figura particular, destacando-se sua falta de consciência e o seu desprendimento, passando a impressão de pureza, inocência e tranquilidade. A isso, pode-se acrescentar uma minúcia: a planta tem movimento físico restrito que, geralmente, a impulsiona em direção a luz (STEIN, 2002).

Com essa análise fenomenológica, empreendida por Stein, em mente, passa-se a categoria dos animais, que também possuem alma vegetativa, além da alma animal, visto que nascem, se nutrem, se desenvolvem, reproduzem e morrem. No entanto, o animal supera isso, em virtude da movimentação do seu corpo, reflexo de uma capacidade de captar e reagir ao mundo, ao externo, possuindo mais liberdade do que as plantas. Isso só é possível porque os animais têm a sensibilidade de serem afetados por estímulos diversos, além de se sentirem a si próprios. Para a filósofa é essa característica da alma animal, a sensibilidade exteriorizada nos movimentos do corpo, que comprovam a existência de interioridade, como ela mesma comenta:

Ter alma quer dizer possuir um centro interior, no qual se percebe o entrechoque de tudo o que vem de fora, e do qual procede tudo o que se manifesta na conduta do

corpo como proveniente de dentro. Trata-se de um ponto de intercâmbio, no qual impactam os estímulos e do qual saem as respostas (STEIN, 2003, p. 611).

Conforme essa descrição, a interioridade, para Edith Stein, é um traço indispensável e essencial das almas sensitivas, é precisamente esse traço que os humanos têm em comum com os animais. Mas a análise de Edith segue em torno da procura daquilo que é especificamente humano, algo que nem os vegetais e nem os animais possuem, conforme é expresso nas palavras de Kusano:

O âmbito psíquico, assim como a corporeidade na qual ele está radicado, está submetido a uma unidade superior que atravessa todos os estratos do ser humano e ocupa um lugar central e dominante na configuração do caráter e da individualidade humana. Essa unidade recebe o nome de *alma espiritual* (KUSANO, 2014, p. 85).

Endossando tais palavras, o olhar de Edith se lança a partir daqui sobre algo que se situa distante do vegetal e do animal. Este algo, para ela, é o fato do ser humano poder dizer a respeito de si mesmo: “eu”. A alma humana está não somente aberta ao mundo, mas é capaz de voltar-se para si mesma e captar sua própria interioridade, tornando o homem um ser livre e espiritual, diferente de todos os outros seres.

3.3 Espírito

Quando Stein qualifica a alma como vegetal, animal e espiritual, isso quer dizer que, não são três almas ou três tipos de alma, mas uma só alma e três naturezas. Em seu livro *Ser Finito e Ser Eterno* ela fala a respeito da natureza espiritual da alma, dizendo:

A divisão tradicional tripartite de corpo-alma-espírito não deve entender-se como se a alma do homem fosse um terceiro reino entre outros dois, mas sem eles e independentemente deles. Nela mesma, espiritualidade e sensibilidade coincidem e estão entrelaçadas entre si. Precisamente é o que distingue o ser particular da alma espiritual da alma da alma sensível e o espírito puro. O homem não é animal nem anjo. Sua sensibilidade como corpo vivo é diferente da do animal, e sua espiritualidade é diferente da do anjo. Sente e experimenta o que se faz no corpo e com ele, mas esse sentir é uma percepção *consciente* e destinada a chegar a ser uma *percepção compreensiva* do corpo vivo e dos processos corporais, assim como de uma percepção do que “cai sob os sentidos”, do mundo exterior. A percepção já é conhecimento, um fazer espiritual (STEIN, 2022, p. 394).

Dito de modo simples, a alma do homem participa da vida sensível e da vida espiritual, atuando como um elo inquebrantável entre elas. A dimensão do espírito é governada pela capacidade intelectual e voluntária de controle, podendo inclusive, deixar de agir por instinto e escolher, “desobedecer” ao corpo e se posicionar frontalmente às adversidades do exterior. Para Edith, a alma é apreendida como o espaço da interioridade, de onde emanam atos espirituais, capacitando o homem a voltar-se para dentro de si mesmo, de modo intelectual e voluntário, em confronto com o exterior, implicando tal coisa em uma profunda liberdade (PEZZELLA, 2003).

Edith fala sobre a unidade corporal-anímica que, segundo Kusano (2014), pode ser demonstrada pelo coração, uma vez que este fica à mercê das afetações da alma. Quando se vivencia uma emoção muito forte, gerando palpitações aceleradas, de maneira que o corpo pode servir como instrumento de atuação do espírito, e como afirma Stein (2003, p.660), “o espírito usa o corpo para fins espirituais”. De maneira que, o corpo revela o espiritual que nele habita.

3.4 O ser social do ser humano

Edith quer compreender o quanto o ser humano está marcado por seu ser social, imerso numa coletividade. É por intermédio dessa vida em comum com outros homens, que ele se atualiza. Na sua tese de doutorado, onde a filósofa trata da do problema da empatia, ela mostra que a empatia é uma vivência presente na consciência, responsável por instituir a relação que o sujeito estabelece com outros sujeitos, levando-o a compreender a vida psíquica daqueles que lhe são semelhantes, conforme Kusano (2014).

Para uma melhor compreensão, considera-se que um indivíduo recebe a notícia de uma violência praticada contra seu irmão, violência esta que causa a morte. Esse é um momento em que o indivíduo não é capaz de sentir, corporal ou espiritualmente, a dor do seu irmão, pois não foi o indivíduo a sofrer a violência e a sentir a dor resultante dela, não em primeira pessoa, por isso, não são sentimentos primordiais. A dor do irmão só pôde ser experimentada pelo próprio irmão. Nesse caso, o que comparece de primordial para o indivíduo é o fato de sentir que o irmão a viveu. De modo que, o indivíduo realiza um movimento empático, neste caso, como uma “evisceração”, uma vez que é acometido de profunda dor.

No entanto, a empatia não se refere só a casos extremos, mas é possível captar se uma pessoa está feliz ou triste e ter uma vivência de alegria ou tristeza a partir disso. Na empatia a individualidade, que está entrelaçada com a corporeidade, é completamente preservada, não havendo dissolução nem identificação do “eu” frente a experiência psíquica do outro. O sujeito é formado também desde a alteridade, isso quer dizer que, por meio do conhecimento a respeito das outras personalidades, ele constrói referências para autoavaliar-se, como reforça Almeida:

Minha verdade humana-existencial, portanto, só será vivida intensamente quando souber confrontar barreiras individualistas que me cercam a uma compreensão do outro como uma abertura reflexiva de mim mesmo. A alteridade, assim, constitui e assegura minha identidade enquanto pessoa humana individual (ALMEIDA, 2003, p. 51).

Porém, tal reflexão em relação a si, provinda de uma autorregulação a partir da alteridade, não implica em um determinismo exercido pelo social sobre o conceito do indivíduo a seu próprio respeito. Desse modo, como se dá a relação social do homem na comunidade, na sociedade e na massa. Edith revela que os indivíduos dão respostas a valores pessoais como amor, respeito, admiração e outros que também podem ser opostos a esses (KUSANO, 2014).

Mas o que determina quais são os valores de cada um tem a ver com a personalidade individual. Segundo ela a sociedade se organiza em virtude de uma união racional e mecânica entre as pessoas, já na comunidade os indivíduos se unem de maneira natural e orgânica, regidos pela intersubjetividade e a troca por contato ativo, construindo até mesmo o caráter de um povo. Na comunidade surgem oportunidades em que as pessoas podem praticar suas disposições originais e se desenvolverem, havendo propriedades que só se desenvolvem numa comunidade, na relação com outras pessoas, como humildade e orgulho.

Nessa relação comunitária, os integrantes não contribuem com toda a força vital, guardam forças para si e para as várias comunidades às quais pertencem. Orientados por seus valores, agem com vitalidade no interior da comunidade. Na massa, acontece um contágio. As pessoas falham em decidir e em pensar, se agrupam em um comportamento uniformizado, tendo como resultado uma personalidade sem autenticidade adquirida por contágio (KUSANO, 2014).

4 PROPOSTAS PARA UMA PSICOLOGIA DESDE A INTERIORIDADE

A vida contemporânea é repleta de atividades cotidianas, que lotam agendas e tornam o dia curto demais, de maneira que, o ócio se transformou em algo negativo, de caráter contraproducente e até sinônimo de preguiça. O ritmo de hoje impede as pessoas do tempo para a quietude, a meditação e a contemplação. No âmbito acadêmico e profissional da Psicologia isso não é diferente. Como bem menciona Echavarría (2022), a interioridade da alma tem sido rejeitada por psicólogos e escolas de psicologia, uma vez que, a Psicologia Experimental estabeleceu para si uma psicologia onde fatores subjetivos ficassem reduzidos ao mínimo. Sabemos que o intuito era possibilitar objetividade e medição, mas os efeitos do desligamento às considerações filosóficas a respeito da alma, são o desenvolvimento de uma psicologia sem alma, relegando a alma ao espaço da religião e até da superstição. Edith Stein expressou sua preocupação e alertou quanto a este fato:

Finalmente, ocupemo-nos da investigação científica do mundo interior, que se interessou por este setor do ser como por qualquer outro: é surpreendente o que restou do reino da alma, desde que a psicologia do nosso tempo começou a seguir seu caminho independentemente de toda consideração [...] da alma: chegou-se, assim, no século XIX, a uma psicologia sem alma. Tanto a essência da alma quanto suas potências foram descartadas como conceitos mitológicos, buscando-se levar em conta unicamente os fenômenos psicológicos (STEIN, 2007, p. 1132).

Etimologicamente, a palavra psicologia vem do grego *psique*, que quer dizer *alma*, e *logia* que deriva de *logos* e quer dizer *estudo*. Conforme é do conhecimento da vasta maioria dos psicólogos, psicologia significa o “Estudo da alma”. Contrariamente, é possível que após anos de uma graduação em psicologia, muitos se formam sem saber responder o que é a alma, ou mesmo sem ter nenhum conhecimento acerca dela, erigindo um título de uma psicologia desligada de seu fundamento, sem sua substância, psicologia superficial, por negar o seu ponto mais básico: as noções de alma e suas potências.

Desde o final do século XIX, as teorias psicológicas, em sua maior parte, contaminadas pela perspectiva biológica do materialismo evolucionista, enfocaram a alma como uma mera qualidade do corpo cuja função é negociar com o ambiente e recuperar o equilíbrio. De modo que, há aí uma exteriorização da alma, transformando o ser humano em alguém que depende das circunstâncias, sem poder repousar em si mesmo, um ser que procura apenas equilíbrio entre si e o meio (ECHAVARRÍA, 2022).

4.1 O que é interioridade

A interioridade é um atributo, uma capacidade que a alma humana tem. Para melhor compreendê-la, faz-se necessário recorrer ao princípio aristotélico de que o ser humano é um composto hilemórfico, palavra que vem do grego, formada por *hyle*, matéria, e *morphe*, forma. O ser humano é, nessa perspectiva, um composto de *forma* e *matéria*. A forma é na linguagem de hoje, a informação. Assim como um computador precisa de materialidade (*hardware*), precisa também de sua formalidade (*softwares*) (NETO, 2015).

Toda *forma* tem um aspecto imaterial, porque se define em oposição a matéria. Assim, há uma forte ligação entre imaterialidade e interioridade, conforme a posição de Santo Tomás de Aquino, expressa por Echavarría:

Mas é preciso notar que, quanto mais nobre for a alma, tanto mais dominará a matéria corpórea, tanto menos nesta estará imersa e tanto mais excederá por sua operação ou virtude; por onde se vê que a forma do corpo misto tem uma certa

operação não causada pelas qualidades elementares. E quanto mais avançamos na nobreza das formas, tanto mais veremos a virtude da forma exceder a da matéria elementar; assim, a alma vegetativa é mais que a forma do metal, e a alma sensitiva, mais que a vegetativa. Ora, a alma humana é a última na nobreza das formas, pelo que sua virtude excede a matéria corpórea, que tem uma operação e uma virtude na qual de nenhum modo participa a matéria corpórea. E essa virtude chama-se intelecto (ECHAVARRÍA, 2022).

A alma humana não só tem domínio sobre a matéria que lhe pertence, como é capaz de transcender a matéria através das potências e operações intelectivas. A forma é substancial, e desse modo, comunica o ser ao ente hilemórfico, tornando este, apto a subsistir, a ter o ser. A forma se espalha na matéria, se derrama, se expande, e assim se manifesta na matéria, que denuncia a forma. Dito de maneira mais simples, a informação substancial da alma, dá ao ser humano o ser, e este possuir o ser é, de algum modo, poder voltar-se para si mesmo (ECHAVARRÍA, 2022).

Logo, “voltar-se para si” é a interioridade, observada na capacidade de reflexão advinda das propriedades espirituais, intelectivas, da alma humana. Ainda segundo Echavarría (2022), a alma humana é essencialmente interior, mas a interioridade, a nível operativo, deve ser desenvolvida.

4.2 A responsabilidade do ser humano na conquista da interioridade

Como dito anteriormente, a forma se espalha e se expande, de maneira que ela também se exterioriza, por meio das janelas dos sentidos, como uma necessidade da nossa natureza hilemórfica, composta. Mas, sem ordenação, essas “saídas” poderiam facilmente se tornar um extravio de si, dispersão que leva a desorientação, distração, falta de reflexão, ancoradas na mera vida do “dormir e acordar” dia após dia. Stein fala a respeito dizendo:

Santa Teresa que existe sem dúvida um estado singular ou mesmo patológico, segundo o qual ninguém conhece sua própria casa. Mas na verdade, muitas almas estão tão doentes, tão acostumadas a se ocupar com as coisas externas, que parece impossível se voltar para si mesmas (STEIN, 2022, p. 547).

Mediante tais palavras, cultivar a interioridade é de responsabilidade do ser humano, imposta por sua própria natureza, uma vez que o sentido da sua vida precisa ser construído, uma missão particular convém ser descoberta e cumprida e, para isso, há que habitar a própria intimidade, ordenando as “saídas” para melhor retornar, carregando feixes de “alimento” para nutrir a alma.

Sobre a relação entre interioridade e exterioridade, Edith Stein afirma:

A alma, sendo espírito, encontra-se no reino do espírito e dos espíritos. A estrutura que apresenta é-lhe inteiramente peculiar: a alma não é somente a forma vivificante do corpo, ou seja, o interior de um exterior. Também nela existe o contraste entre interior e exterior. É no seu íntimo, na sua essência, que a alma se encontra em casa (STEIN, 2014, p. 127).

Tal alusão a “se encontrar na sua própria casa”, não poderia ser mais adequada, pois em casa, veste-se a roupa mais confortável, senta-se ou deita-se aonde quer, como quer e, quando a casa é um lar, reinam ali a paz na qual se pode descansar. No caso da alma o que acontece é o seguinte:

No interior é onde a essência da alma vai para dentro. Quando o eu vive, no profundo de seu ser, onde ele está totalmente em sua casa e a ela pertence, descobre

desde então algo do sentido de seu ser, experimenta sua força concentrada nesse ponto antes de sua repartição em forças individuais. E se vive dessa interioridade, então se vive uma vida plena e alcança o cume de seu ser. Os elementos recebidos do exterior e que entram até aqui permanecem não somente posse a título de recordações, mas se transformam ‘em carne e sangue’. Assim, pode converter-se nela numa fonte dinâmica libertadora de vida (STEIN, 2022, p. 21,22).

Sob as relevantes contribuições de Edith para o conhecimento da alma, percebemos o quão importante se faz o respeito à interioridade. Senão desde o interior, é impossível conhecer um ser humano de modo verdadeiro. Isso abre margem para tratar do posicionamento do psicólogo ante um paciente, visto que é unicamente a pessoa humana quem abre ou fecha as portas de sua intimidade, como ela acha que deve fazer, segundo o que lhe é lícito e do modo como ela quer. Nem tudo que diz respeito ao indivíduo, cabe revelar.

Assim, é indispensável reconhecer a dignidade da interioridade da alma, competindo aos psicólogos serem discretos, nunca ultrapassando os limites do eticamente admissível por adentrar na vida interior de seus pacientes, além daquilo a que, por eles, são convidados a adentrar (ECHAVARRÍA, 2022).

Não é por adentrar na vida de um paciente que se conseguirá êxito em tratá-lo, pois adentrar ou não na vida dele, somente até onde ele convida, é um mero detalhe. O importante é, num ato empático, compreender em que ponto, rumo ao interior, ele se encontra e ensiná-lo a adentrar, em sua morada interior, para fruir dali sua vida, porque embora ele não precise aprender sozinho como fazer isto, é somente ele que pode chegar no mais íntimo de si mesmo.

Cabe ressaltar que, embora a Psicologia precise revisar seus pressupostos, nem tudo é dispensável. Muitas contribuições podem se revelar valiosas, conforme nos ensina Echavarría (2022). O importante é não amputar da psicologia a alma e dar a essa ciência uma base sólida, filosófica, rigorosa e profunda.

4.3 A Clínica Psicológica pensada a partir de Edith Stein

A empatia, conforme anteriormente explanada, reposiciona o psicólogo de um lugar dissimétrico, para um vis-à-vis. Para tanto, é preciso reconhecer o ser humano em toda a sua magnitude, acolhendo aquilo que se revela, a coisa mesma, se voltando para ela como numa *epoché*, sem levar para a escuta interrogações teóricas, ou mesmo nada do que se tenha ouvido ou estudado sobre os conteúdos confiados pelo paciente, mas aproximar-se dele de modo livre e pela intuição, para estar verdadeiramente com ele.

Embora todas as pessoas tenham a mesma estrutura humana, cada uma ativa ou desenvolve tal estrutura em graus diferentes e de modos diversos. Além disso, seja do ponto de vista psíquico ou espiritual, os conteúdos não são os mesmos. É por isso que, na aplicação clínica, cada pessoa deve ser tomada na sua singularidade.

Se um paciente vem procurar o psicólogo e este percebe sua angústia, tal experiência é mais do que uma mera percepção, é consciência alheia de uma vivência do paciente que, surpreendentemente, aparece na própria vivência do profissional. Por meio da empatia pode-se receber aquilo que o paciente comunica. Não é vivência pertencente ao outro o que o psicólogo experimenta a partir da empatia, é vivência dele mesmo, captada a partir da vivência do paciente, revelada de forma íntima, direta e original. Nessa perspectiva é a partir da empatia que o psicólogo poderá se posicionar em sua clínica e evocar no paciente um posicionamento ou até mesmo um reposicionamento diante de sua vida e das situações diversas que venham a viver. Sobre isso, Feldmann nos esclarece muito bem:

Na medida em que considero como ‘minha semelhante’ uma vida espiritual alheia, aprendo também a observar a mim mesma como objeto, isto é, de um ponto de vista interior a mim. Tais ‘empatias’, se relacionadas a mim mesma, podem ser um corretivo útil para escapar da possibilidade de engano que está presente na percepção interna. É possível que o outro ‘me julgue com maior precisão’ do que eu mesma o faria e me revele com clareza para mim mesma. Ele nota, por exemplo, que estou procurando obter aplausos quando pratico uma boa ação a alguém, enquanto eu mesma penso que o estou fazendo por pura compaixão. Dessa forma a empatia e a percepção interna trabalham de mãos dadas, possibilitando que conheça a mim mesma (FELDMANN, 2001, p. 35).

Quando um paciente relata vivências de alegria, o psicólogo não pode sentir em primeira pessoa, do mesmo modo a alegria. No entanto, em sua corporeidade, particularmente em sua memória, estão como que esculpidos vários fenômenos relativos à vivência do paciente. O psicólogo tem um registro intuitivo da alegria. À medida que um paciente faz o relato de sua história, abre a possibilidade ao terapeuta de que este compreenda a essência de sua própria alegria. A história pessoal trazida pelo paciente tem conteúdo singular, por isso a clínica se torna um espaço onde ele pode se encontrar, refletido no olhar do outro. É o relato singular do paciente, o que ocupa o espaço entre ele e o psicólogo durante a sessão, fazendo parte do campo intersubjetivo, onde o saber é construído, que a depender do manejo e do grau de vínculo estabelecido, fará aflorar material clínico gerador de fala e refletirá cuidado no cultivo do terreno para que a área espiritual do paciente se desenvolva. Vejamos como isso é colocado por Antúnez:

Com o tempo, os sintomas poderão ser transformados em companheiros dominados pelo eu, isso por si, seria a cura almejada de uma psique que passa a ser refletida e elaborada pela área espiritual. O paciente ganharia novas interpretações para os sinais que nascem em sua interioridade, mesmo que justificados como vindos do exterior (ANTÚNEZ, 2011, p. 209).

Então, trata-se aqui, não da formulação de uma proposta terapêutica estruturada em técnicas específicas, mas dos pressupostos steinianos que nos revelam uma perspectiva de re colocação da Clínica Psicológica, como elemento ético-ontológico. Esse reposicionamento torna possível ao paciente e ao psicólogo o reconhecimento e apropriação da experiência da pessoa humana inteira, alcançando a potencialidade de sua dimensão espiritual, ou seja, sua capacidade reflexiva, responsiva, volitiva, empática e livre.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do conjunto de considerações aqui apresentadas, não é difícil assentir que haveria muito a examinar, no que diz respeito ao pensamento steiniano acerca da pessoa humana. Tais exames poderiam conduzir a outras etapas, como o foco nos aspectos práticos que do estudo acurado de suas obras decorreria, como a formulação de técnicas terapêuticas.

Disso, decorreu a necessidade de manter esse estudo dentro dos limites que se propôs desde a sua introdução, isto é, apresentar Edith Stein como uma filósofa de pensamento rigoroso, que foi lúcida em seu registro ontológico da condição humana, e cuja investigação jamais pretendeu encerrar o homem, pois sabia que dizer o homem é uma tarefa árdua e complexa.

Teve-se como finalidade, apresentar a fenomenologia na qual Edith reconheceu que Husserl havia desenvolvido um método de análise objetivo das essências, e viu nisso um valor inexorável de ciência eidética, de caráter intuitivo, cujo intento era retornar às coisas mesmas, de modo que, ela aplicou tal método até mesmo ao Aquinate.

Por fim, a importância e a contribuição desta pesquisa estão no apontamento para a necessidade de colocar em discussão o estatuto epistemológico da psicologia e de fazer vislumbrar no horizonte uma psicologia que seja ciência rigorosa da subjetividade, com uma visão de ser humano sustentada por uma base sólida, de cunho filosófico.

Esta pesquisa oferece um olhar a mais para pensar a atuação na clínica psicológica, pelas lentes da fenomenologia de Edith Stein, que pode obsequiar uma fundamentação mais consistente a psicologia também a nível prático.

Conclui-se que a filósofa aprofundou suas análises acerca da estrutura ontológica da pessoa, resgatando a unidade corpo-mente-espírito, e que, por meio desses estudos e das pesquisas dela acerca da interioridade e da empatia, é possível um reposicionamento do psicólogo e sua clínica.

Sem embargo, sugere-se a união de esforços investigativos em direção a vasta obra legada por Edith Stein, bem como sua inclusão nas grades de psicologia das universidades, para que surjam mais pesquisas e mais intercâmbio de informações e eventos por meios remotos, tudo isso com vistas ao reconhecimento e apropriação da experiência da pessoa humana inteira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. E. **A Empatia em Edith Stein**. Cadernos IHU, ano 1, n. 1. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

ANTÚNEZ, A. E. A. **A Clínica Psicológica refletida a partir de Edith Stein: Humanologia**. Revista Acadêmica da Prainha, ano 8, n. 2, Kairós: 2011.

BELLO, A. A. **Introdução a fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006.

COMTE-SPONVILLE, A. **Dicionário Filosófico**. Tradução Eduardo Brandão. 2.ed., Martins Fontes, São Paulo, 2011.

DUPUIS, M. **Orar 15 dias com Edith Stein**. Editora Santuário, 2017.

DUROZOI, G., ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Marina Appenzeller. Papyrus, São Paulo, 1993.

ECHAVARRÍA, M. F. **Correntes de Psicologia Contemporânea**. Tradução Adriel Teixeira. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2022.

FELDMANN, C. **Edith Stein: Judia, ateia e monja**. Tradução: E. A. Souza. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

GOTO, T. A.; MORAES, M. A. B. **A concepção de fenomenologia para Edith Stein**. Revista Filosófica São Boaventura, v.10, n.2, jul./dez. 2016.

GYRÃO, M. L. S. **Edith Stein, aspectos do método fenomenológico**. Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, v.7, n.2, 2015.

GUIMARÃES, A. C. **Fenomenologia e Direito**. Coleção Primeiros Passos na Filosofia do Direito. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005.

HUSSERL, E. **La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale**. Tradução: G. Granel. Paris: TEL-Gallimard, 1989.

JAPIASSÚ, H., MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5.ed., Zahar, Rio de Janeiro, 2008.

KUSANO, M. B. **A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia**. Ideias e Letras. São Paulo, 2014.

MARTINI, S. R. **A fenomenologia e a epoché**. Trans/Form/Ação. São Paulo, 1999.

MARTINS, A. H. C. **Comentário sobre uma leitura fenomenológica de Tomás**. Revista Ética e Filosofia Política, n XVI/v. 2, Dez, 2013.

MIRIBEL, E. **Edith Stein: como ouro purificado pelo fogo**. Editora Santuário, 2001.

NETO, L. H. C. **Princípios terapêuticos decorrentes do enfoque psicológico tomista**. Interpsiquis, XVI Congresso Virtual de Psiquiatria.com, 2015.

NOVINSKY, I. W. **Edith Stein: em busca da verdade em tempos sombrios**. Humanitas, 2014.

OLIVEIRA A. L., ANTÚNEZ, A. E. A. **A estrutura da pessoa humana em Edith Stein: indicação para a formulação de uma psicologia fundamentalmente humana**. Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea, 2017.

PEZZELLA, A. M. **L'Antrologia Filosofica di Edith Stein: Indagine fenomenológica dela Persona Umana**. Roma: Città Nuova, 2003.

SBERGA, A. A. **A formação da Pessoa em Edith Stein: um percurso do conhecimento do núcleo interior**. (Coleção Filosofia em Questão). São Paulo: Paulus, 2014.

STEIN, E. **Philosophy of Psychology and the Humanities**. Washington: ICS Publications, 2000. Disponível em:<

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=-GebCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT9&dq=philosophy+of+psychology+and+the+humanities+pdf&ots=3_iiNBUma&sig=ipSuPmbqx1B19HNMZtJVPOdosu0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 18 de junho de 2023.

_____. **Obras Completas I**. Escritos Autobiográficos e Cartas. Traduzidos do alemão por José G. Rojo, Ezequiel G. Rojo, Frc. Javier S. Fermin e Constantino R. Garrido. Vitoria/Madrid/ Burgos: El Carmem/ Espiritualidade/ Monte Carmelo, 2002.

STEIN, E. **Obras Completas IV**. Escritos antropológicos e Pedagógicos (Magisterio de vida cristiana, 1926-1933). Traduzidos do alemão por Francisco Javier Sancho, José Mardomingo

e Constantino R. Garrido. Vitoria/Madrid/ Burgos: El Carmem/ Espiritualidade/ Monte Carmelo, 2003.

_____. **Obras Completas III.** Escritos Filosóficos (Etapa de pensamiento cristiano, 1921-1936). Traduzidos do alemão por Alberto Pérez, José Mardomingo e Constantino R. Garrido. Vitoria/Madrid/ Burgos: El Carmem/ Espiritualidade/ Monte Carmelo, 2007.

_____. **A Ciência da Cruz.** Traduzido por D. Beda Kruse. _8. ed._ São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos.** Tradução de Maria C. Ventura e Renato Kirchner. Paulus, São Paulo 2018b.

_____. **Ser Finito e Ser Eterno.** Traduzido por Zaíra Célia Crepaldi. _1. ed._ Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.

TEIXEIRA, P. E. L. **A formação integral da pessoa em Edith Stein:** perspectivas teológicas e pedagógicas. 2017.

ZILLES, U. **A antropologia em Edith Stein.** Revista Eclesiástica Brasileira. Corpo e Religião. V.77, n.306. Abril/Junho, 2017.